



INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

JANDIRA MIGUEL DALA

**UKUNJI DA IMAGEM DA MWÊNE NZINGA MBAMDI: DIÁLOGO ENTRE A
RAINHA GINGA E DE COMO OS AFRICANOS INVENTARAM O MUNDO, DE JOSÉ
EDUARDO AGUALUSA, E A ARTE ESCULTÓRICA ANGOLANA**

ACARAPE, CE

2023

JANDIRA MIGUEL DALA

UKUNJI DA IMAGEM DA MWÊNE NZINGA MBAMDI: DIÁLOGO ENTRE A *RAINHA GINGA E DE COMO OS AFRICANOS INVENTARAM O MUNDO*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, E A ARTE ESCULTÓRICA ANGOLANA

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de monografia do Curso de Licenciatura em Letras e Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciada em letras - língua portuguesa

Orientador: Profa. Dra. Luana Antunes Costa

ACARAPE, CE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Dala, Jandira Miguel.

D138u

Ukunji da imagem da Mwêne Nzinga Mbamdi: diálogo entre a rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo, de José Eduardo Agualusa, e a arte escultórica angolana / Jandira Miguel Dala. - Redenção, 2023.

35f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Profa. Dra. Luana Antunes Costa.

1. Literatura angolana. 2. Romance. 3. Escultura. I. Título

CE/UF/BSP

CDD A869.09

JANDIRA MIGUEL DALA

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Aprovado em XX de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora e presidente: Profa. Dra. Luana Antunes Costa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinadora Profa. Andrea Cristina Muraro
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinador Prof. Carlos Eduardo De Oliveira Bezerra
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, *Nga Sakidila Ngana Nzambi*, por toda força, coragem e determinação.

Agradeço à UNILAB por me dar a oportunidade de concluir o curso de licenciatura em uma Universidade Federal, pública, gratuita e um ensino decolonial crítico. Lembro as vezes que tinha o sonho em terminar os estudos, mas estes objetivos e sonhos pareciam inalcançáveis pelo fato de ser uma mulher de uma família pobre.

Aos meus pais Miguel Francisco Paulo (em feliz memória), José Francisco Paulo, Domingas Buta e, especialmente a minha querida Mãe, amiga, companheira de todos momentos Seja Estevão Contreiras Dala, pelo apoio incondicional, pois se hoje tornei-me uma Mulher licenciada foi graças a ti, sempre foste o pilar e guia dessa jornada.

Aos meus tios/as, Mateus Balanga e Elizeu (em feliz memória), Soraia Francisco Paulo. Agradeço por tudo, principalmente pelo apoio quando mais precisei.

Aos meus irmãos e irmãs, José Dala, Franklin Paulo, Maria De Fátima, Joaquina Dala, Nelson Paulo, Elitreu Miguel, Amélia Dala, Bráulio Buta, Cecília Dala, Delfina Buta, Zenilda, Buta, Domingas Buta, Edna Helder, Ainda Daniela Gutinho. Sem esquecer os meus queridos filhos (sobrinhos), Jucelmo Dala e Sérgio Dala. Nós conseguimos família!

Agradeço também a família que a UNILAB me deu, especialmente o meu querido namorado e amigo José Mussunda, obrigada por tornar a caminhada leve e somar comigo. Á Lidia Cesaria, Fernanda Ximbunde, Joelma Machado, Flávia Zua, Maimuna Baldé, Sara Calumbi, Doneta Gomes, Fátima Soneto, Natalia Kulivela, Cláudia Capemba, Cristina Catumbela, Angelina Nguli, Pedro Capitango (PP), Paulo Bumba, Fredy Alves, Manuel Nambua, Mauro Jorge, Felipe Ribeiro, e o meu afiliado Aizuel. Todos(a) estarão sempre no meu coração.

Aos amigos/as que se tornaram irmão/as ao longo da minha infância e adolescência, nomeadamente Vissolela Gonzaga, Teresa Uriana, Rosa Jorge, Alioneth Neto, Victorino Visconde, Isildo Marques, António Caxala, Celestino Cativa, Manuel Milagre, Luís Cambando, Geovane Gomes, obrigado pelo suporte mesmo estando distantes.

Finalmente, agradeço também às minhas queridas professoras, Jo A-mi, Luana Antunes, Andrea Muraro, Juliana Geórgia, Suele Alves e todos os professores do curso, pelo conhecimento compartilhado, por ter-me proporcionado a honra de ser a vossa aluna. Muito obrigado pelo acolhimento, ética e profissionalismo, que foi fundamental durante a trajetória.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a hipótese de que pela obra de José Eduardo Agualusa, *A rainha ginga mbandi e de como os africanos inventaram o mundo* (2015), e a escultura angolana *Nzinga Mbande* (2018), foi construído um discurso Nzinga Mbandi, como uma heroína nacional sem fraturas, que resistiu à colonização portuguesa no reino do Ndongo e mais tarde de Matamba. A personagem é vista como uma combatente destemida, poderosa na guerrilha e nas negociações. Essa imagem da rainha se propaga no imaginário nacional angolano e não só, até a contemporaneidade. Neste sentido, ao lançarmos um olhar crítico para essa personagem, pretendemos analisar a construção discursiva da angolanidade, neste romance, e na arte escultórica angolana em uma perspectiva comparada, afim de compreendermos a construção discursiva em torno da imagem da rainha nestas duas obras, e ainda investigar com tem sido construída a personalidade da rainha Nzinga Mbande na História.

Palavras-chave: Literatura angolana. Nzinga Mbande. Romance. Escultura.

ABSTRACT

This paper presents the hypothesis that through José Eduardo Agualusa's work, *A rainha ginga mbandi e de como os africanos inventaram o mundo* (2015), and the Angolan sculpture *Nzinga Mbande* (1975), a Nzinga Mbandi discourse has been constructed as an unfractured national heroine who resisted Portuguese colonization in the kingdom of Ndongo and later Matamba. The character is seen as a fearless fighter, powerful in guerrilla warfare and negotiations. This image of the queen is propagated in the Angolan national imaginary, and not only, until contemporary times. In this sense, by casting a critical look at this character, we intend to analyze the discursive construction of Angolanness, in this novel, and in Angolan sculptural art in a comparative perspective, in order to understand the discursive construction around the image of the queen in these two works, and also to investigate how the personality of Queen Nzinga Mbande has been constructed in History.

Keywords: Angolan literature. Nzinga Mbande. Novel. sculpture.

Lista de Figuras

Figura 1 Largo do Kinaxixe: Estátua Mwêne Nzinga Mbande	24
Figura 2 Largo do Quinaxixe: Maria da Fonte	26
Figura 3 Largo do Quinaxixe: Tanque soviético	27
Figura 4 Museu de História Militar: Rainha Njinga Mbande	29
Figura 5 Histórico de vida e trajetória da Rainha Njinga Mbandi	31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA E LITERATURA.....	10
2. ANGOLANIDADE	14
3. PODER E RESISTÊNCIA NO ROMANCE.....	18
4. A ESTÁTUA “RAINHA NZINGA MBANDE”: IMAGEM DE PODER E SEUS TRÂNSITOS	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA E LITERATURA

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a representação do poder e resistência da personagem histórica Nzinga Mbande no romance, *A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo* (2015), do escritor José Eduardo Agualusa, em uma perspectiva comparada à composição da estátua da rainha Nzinga Mbande (2018), localizada em Luanda, Angola. Igualmente propomos analisar a construção desta da imagem e da personagem que se apresenta na arte escultórica, no discurso literário romanesco, a partir de uma perspectiva comparada. Na sequência, buscaremos compreender a construção discursiva em torno da imagem de rainha Nzinga, na obra e na estátua, bem como investigar como tem sido construída a personalidade da rainha Nzinga Mbande na História.

Faz-se necessário, num primeiro momento de nossa pesquisa, explicar o título escolhido *Ukunji da imagem da mwêne nzinga mbamdi diálogo entre: a rainha ginga e de como os africanos inventaram o mundo, de Agualusa, e a arte escultórica angolana*. Ukunji e Mwêne são palavras proveniente da língua Kimbundo, tronco-linguístico bantu, de Angola. O kimbundu é comumente falado na região norte do país. Tais elementos significam: “ukunji”, - representação, e “mwêne”, - rainha. Como se sabe, as imagens de poder e resistência da Mwêne Nzinga se perpetuam no imaginário angolano, fixando-a, no imaginário coletivo, como uma heroína nacional sem fraturas, por meio da historiografia e literatura angolana. O título, assim *ukunji da imagem da mwêne nzinga mbamdi*, visa dar destaque as línguas nacionais angolanas.

José Eduardo Agualusa, (1960-) escritor e jornalista angolano, com ascendência brasileira e portuguesa, é um dos autores angolanos que retomou a figura de Mbande em sua ficção. Ele nasceu na província do Huambo em 1960. Atuou por muito tempo como cronista do jornal *Público*, de Portugal, e atualmente é colaborador de *O Globo*, da revista portuguesa *Ler* e do portal Rede Angola. Agualusa é um dos grandes nomes das literaturas africanas em língua portuguesa, em particular angolana, também é autor de uma vasta obra, já traduzidas em mais de trinta idiomas, e é bastante conhecido por traduzir, em suas obras, o sentimento da

angolanidade. Dentre as suas obras, destacam-se diferentes gêneros, como poemas, contos, romances, crônicas e novelas. Podemos destacar algumas de suas obras publicadas¹.

A Rainha Ginga: E De Como Os Africanos Inventaram O Mundo, trata-se de um romance histórico (GONÇALVES, 2019). A narrativa se dá por meio do narrador padre pernambucano Francisco José Santa Cruz, que foi conselheiro e secretário de rainha Nzinga. O Padre narra como era a vida na corte de Nzinga, esmiúça como foi o reinado de Nzinga Mbamdi, e o seu período como embaixadora de seu irmão Ngola Mbamdi. O personagem narrador Padre Francisco, destaca também os momentos em que a Rainha ao representar o seu irmão na corte portuguesa, mostrou bravura e sagacidade, fundamentalmente quando sentou em uma das escravas para falar de igual modo com o governador português, aceitou o batismo por questões políticas e passou a ser chamada de Dona Ana de Sousa, e mais tarde quando os portugueses violaram os acordos diplomáticos, Nzinga renunciou a religião católica. Será o padre que relatará ao leitor como a Rainha Nzinga se tornou a rainha dos reinos Ndongo e Matamba, como se casou com o poderoso rei dos jagas, e as alianças feitas com os holandeses e flamengos.

Ao deslocarmos o nosso olhar para a História, como área do conhecimento das Ciências Humanas, destacamos que Nzinga tem sido uma fonte na qual romancistas, dramaturgos, poetas têm buscado elementos para a criação de suas obras literárias, com destaques para aspectos culturais, sociais, políticos e memórias, para abordar uma determinada realidade do tempo passado e os seus acontecimentos, na tentativa de preservar e transmitir a cultura nacional.

A literatura contribuirá para recontar, recriar, empoderar e humanizar a memória de um determinado povo, ao passo que, na História, o passado é invocado para buscar os valores mais sólidos, uma vez que narrar a história é um ato de mantê-la viva para as gerações vindouras, pois elas irão fazer com que os legados e a dignidade do povo se mantenham vivos.

Como aponta Hutcheon (1991, p. 121):

O artista, a audiência, a crítica - a ninguém se permite ficar fora da história, nem sequer ter vontade de fazê-lo (Robinson e Vogcl 1971, 198). Não se permite que o leitor de *A Mulher do Tenente Francês*, de Fowles, ignore as lições do passado sobre o passado ou as implicações dessas lições para o presente histórico.

¹Estação das chuvas (2012); Nação crioula (1997); Um estranho em Goa (2010); O vendedor de passados (2004); Passageiros em trânsito (2006); As mulheres do meu pai (2007); Barroco tropical (2009); Milagrário pessoal (2010); A rainha dos estapafúrdios (2012); Teoria Geral do Esquecimento (2012); A Vida no Céu (2013); A Rainha Ginga (2014); O livro dos Camaleões (2015); A Sociedade dos Sonhadores Involuntários(2017); A Educação Sentimental dos Pássaros (2018); O Paraíso e Outros Infernos (2018); O Terrorista Elegante e Outras Histórias (2019); O Mais Belo Fim de Mundo (2021).

A literatura vem confrontando histórias contadas apenas em um único viés. Chimamanda (2019) vai alertar sobre o perigo da história única, que depende bastante da relação de poder, quem as conta, quando e como são contadas. Vale lembrar que determinados povos originários, como por exemplo os africanos não tiveram a oportunidade de contar as suas próprias histórias, seus conhecimentos e suas culturas, por consequência da colonização ou falta de recursos, tendo sido apagadas, deste modo, suas verdadeiras histórias.

A inserção do discurso sobre o passado na literatura tem ajudado a compreender melhor a lição do presente histórico, pois ao passo que a história trás os acontecimentos de forma linear e realista, a literatura, muitas vezes negando aquele passado ou aceitando e ressignificando. Desse modo, a literatura torna acontecimentos trágicos e dolorosos em sátiras, humor e acaba criando narrativas prazerosas de se ler. Por meio de uma linguagem poética, ela enaltece os acontecimentos, “[...] pois a literatura aliada à história pode questionar as “verdades” e os modelos explicativos do real” (SIDRIM, 2019, p. 16). Ao passo que a história narra o que aconteceu, a literatura, por meio da verossimilhança, narra o que poderia ter acontecido (ARISTÓTELES, 1970).

No que diz respeito à relação que existe entre a história e a literatura, (SIDRIM 2019, p. 14) vai afirmar que:

Vale ressaltar que a relação entre História e Literatura existe desde a Antiguidade, quando os mitos e as narrativas históricas pouco se diferenciavam. No entanto, com o tempo, essa relação foi relegada a segundo plano, especialmente no século XIX (quando a História se institucionalizou como Ciência), e só voltou a se tornar mais forte a partir da chamada “virada linguística” (linguistic turn) no final do século XX. A expressão que dá nome a essa nova perspectiva historiográfica, criada. Segundo Luiz Costa Lima nomear a reviravolta no estudo das humanidades, que deixaram de ter como guia a referência na realidade para privilegiar a maneira como ela é verbalmente trabalhada.

Com a virada linguística nas Humanidades, a literatura e a história passaram a ser compreendidas não como duas formas discursivas separadas, e sim como duas linguagens que possuem significação que dão “sentido ao passado” (HUTCHEON, 1991), ou seja, elas possuem uma relação que visa dar sentido aos fatos históricos, fazer com que os fatos passados sejam problematizados. Por intermédio da literatura e da história, conseguimos acessar o passado e atribuir novas significações ao presente, e até mesmo idealizar o passado, com personagens, eventos históricos e fictícios.

Em relação ao conceito de romance histórico, Bastos (1994 apud TROUCHE 2006, p. 36) compreende que:

O romance histórico estava fadado a certo hibridismo: como “romance”, era ficção, isto é, a matéria narrada era resultado da invenção do escritor, que delegava a um narrador, quase sempre em terceira pessoa, a responsabilidade pela mimese do real humano. Como “histórico”, escapava aos limites da ficcionalidade e se pretendia documento, pois nele o leitor reencontraria elementos verídicos (datas, nomes, de personalidades político-guerreiras, eventos, lugares, etc.) tomados pelo empréstimo à história. O romance histórico herdava da epopeia uma das dimensões da matéria épica, a história, e substituíva o mito (e seu corolário, o maravilhoso) pelo ficcional.

Em linhas gerais, o romance histórico é uma forma literária que ficcionaliza fatos históricos. Essa forma irá possibilitar que os povos subjugados pelo sistema colonial tenham autonomia de contar as suas próprias histórias. Por meio da ficção literária, romancistas narram, como os povos viviam numa determinada época, e reconstroem um novo olhar para a história desse povo, por meio da ficção possibilitará a releitura da história de um determinado território, como acontece no romance *A rainha ginga, e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Agualusa.

A historiografia retrata Nzinga Mbandi como sendo uma rainha angolana, que governou o reino de Ndongo e mais tarde conquistou Matamba no século XVII. A rainha Nzinga Mbandi foi bastante conhecida pelos portugueses, e não só, por ser uma mulher muito astuta na guerrilha e nas negociações no século XVII, que lutou contra a invasão colonial no reino do Ndongo e Matamba. São muitos/as os/as pesquisadores/as que se dedicado aos estudos sobre a personalidade de rainha Nzinga e a história de sua luta, na resistência colonial no reino do Ndongo e Matamba.

Ao longo dos anos, muitas narrativas nas artes literárias, plásticas, audiovisuais, e historiografia foram criadas em torno do poder feminino e resistência da rainha Nzinga Mbandi na luta contra a colonização. Pesquisadores e pesquisadoras, como Manuel Pedro Pacavira (1975), Alberto Mussa (1999), Eugénia Neto (1976) John Bella (2012), Mariana Fonseca (2015) e Inocência Mata (2012) se dedicam aos estudos sobre a rainha Nzinga Mbandi. Destacamos ainda que a obra de José Eduardo Agualusa, tem sido utilizado como fonte de estudo para outros pesquisadores/as. Pela importância de tal fortuna crítica, para a compreensão de nosso percurso investigativo, citamos, a seguir, alguns desses trabalhos acadêmicos.

Jéssica Pereira Gonçalves, na sua dissertação de mestrado: *Releituras dos primórdios da colonização de Angola nos idos do século xvii em a Rainha Ginga, de Agualusa e a sul. O sombreiro, de Pepetela* (2019), trouxe uma leitura das narrativas de Agualusa e Pepeleta, para abordar a colonização em Angola no século XVII, analisa o processo estético dos autores e a maneira como são abordados os temas da escravidão, anticlericalismo e como os jagas

aparecem nessas narrativas. A pesquisa também propõe uma discussão entre literatura e história.

Gilson de Moura Genuino da Silva, em sua monografia de especialização: *A identidade negra e feminina no romance “a Rainha Ginga de José Eduardo Agualusa”* (2020) lançou um olhar crítico para construção da personagem de Ginga no romance como maior figura feminina de destaque no século XVII, discutindo sobre o que era ser mulher no século XVII até a contemporaneidade. Também aborda a influência de Ginga para o feminismo negro nos países lusófonos, mostrando-a como uma mulher companheira e parceira, estrategista, e governante feminina, em suma, como um modelo de liderança para as mulheres, sem esquecer da igualdade do gênero representadas no romance.

Maria Oliveira e Algemira Mendes, em seu artigo: *A representação do Poder Feminino No Romance Rainha Ginga, De Agualusa* (2017) abordaram a literatura angolana e discursos de gênero e relações de poder, por meio do romance de Agualusa. Ao longo do artigo, a autora aborda a trajetória política e diplomática de Ginga Mbandi e como ela ascendeu como rainha do Ngondo e da Matamba.

2. ANGOLANIDADE

Para compreendermos a representação da angolanidade no romance estudado, se faz necessário um breve olhar sobre a escrita da história no território angolano como nação. Angola alcançou a sua independência de Portugal, em 11 de novembro de 1975, proclamado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), sob liderança de Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola, entre 1975 a 1979. Após a formação do sistema político e do Estado, viu-se a necessidade de (re)escrever a História e historiografia do país, uma história ancorada na identidade, etnicidade, cultura e unidade nacional, cuja finalidade está ligada ao resgate e (re)construção da memória coletiva e o sentimento de pertença daquela Angola nação, que se chama Angolanidade.

Segundo Pantoja (2016, p. 85), a cultura nacional,

trata-se de uma maneira de narrar. Quer dizer que ela constrói as linhas principais de uma historiografia nacional. Em sendo um discurso, a cultura nacional se apresenta como única, em detrimento de outras narrativas, se equilibra entre duas forças, uma em direção ao regresso, à fundação, ao começo de tudo, e outra, ao desejo de avançar para o futuro. A narrativa de nação oscila entre as origens, na formulação de mitos fundacionais, construindo a tradição e garantindo-lhe a continuidade.

É significativo descrever que a construção da angolanidade teve início antes da proclamação da independência de Angola. Os seus primeiros passos sobressaem nos meados do século XIX, quando surgiram obras literárias e atividades jornalísticas marcada pela imagem do liberalismo que já demonstravam uma certa “consciência regional, como no livro *Espontaneidade da minha alma*” (1849), de José da Silva Maia Ferreira (CANIATO, 2007).

No fim do século XIX, surge a Associação literária angolense (1896) que terá como objetivo integrar os atores sociais à cultura urbana, no jornalismo e na literatura. Nesse sentido, a expressão angolanidade sobressaí como uma das “dimensões de consciência nacional” (CANIATO, 2007, p. 18). Ela adquirirá mais força pelos escritores António Assis Jr (1887-1960), e Castro Soromenho (1910-1968), que irão destacar em suas obras um discurso da angolanidade, na utilização do kimbundo, abordando temas da realidade na época vivenciada pelos angolanos.

Neste cenário de valorização do patrimônio cultural e na busca pela construção da História e historiografia de Angola, vai surgir, em Luanda, o movimento literário “Vamos descobrir Angola”, em 1948, recontando o país com um trabalho coletivo e, “convidando os jovens a redescobri-la” (CANIATO, 2007, p. 19).

Portanto, percebemos ainda, no romance de Agualusa, uma forte tendência da angolanidade, na construção de um discurso pela valorização do kimbundo, uma língua que pertence ao grupo étnico dos povos Ambundos da região norte de Angola. Ao longo do romance, o autor traz algumas palavras na língua dos povos Ambundos, como “maca”, “cacusso”, “tandala”, “Quindonga”, “Ndala”, “Quitunga”, “quissondes”, “quimbandas”, “caxexe”, “Muxima”, “quissângua”. Esta tendência é uma característica muito forte da angolanidade, pois as falas do kimbundo se mesclam com o português em textos literários, na tentativa, da parte dos escritores, de salvaguardar o patrimônio cultural e construir uma literatura angolana, em que a variação do português angolano seja valorizado e enaltecido.

Desse modo, o sentimento de angolanidade nas obras literárias em Angola, percebe-se que foi/é construído através de um discurso que coloca no imaginário dos angolanos/as, a Rainha Nzinga Mbande como uma heroína nacional e um símbolo de resistência nacional. Em busca de reconstruir um discurso da angolanidade, José Agualusa em 2015 publica o livro “Rainha Nzinga e de como os africanos inventaram o mundo”. O título desta obra levanta muitos questionamentos, de como seria esse mundo inventado pelos africanos, ou seja,

construído através dos discursos da angolanidade/africanidade, com a imagem do africano recontada pelos escritores africanos.

Na literatura missionária do século XVII “o africano é representado como um ser por inteiro dedicado aos prazeres dos sentidos, comprazendo-se com o que a natureza lhe oferece e sem estímulo próprio para domesticá-la” (CARLOS, 2016, p. 63). Por sua vez, a partir de um diálogo da angolanidade, Agualusa, contrapõe o discurso ocidental, com o auxílio do personagem narrador, o padre pernambucano Francisco José da Santa Cruz, que ficará encantado pela rainha, seu povo e sua língua, tanto que manifesta o desejo de aprender sua língua “(...) Pedi a Domingos Vaz que me ensinasse quimbundo” (AGUALUSA, 2015, p.23).

“As línguas de Angola sempre me soaram redondas e harmoniosas, muito mais do que as do velho mundo, mesmo se tantos sábios as têm por bárbaras” (AGUALUSA, 2015, p. 23), assim, no intuito de colocar a língua e a cultura angolana no pedestal, e valorizada pelos missionários, o autor traz um diálogo diferente ao da História, fazendo com que a língua e a cultura africana fosse valorizada e não vista como “barbárie”, no desejo do Padre aprender a língua e fazer comparação com as línguas do velho mundo.

Na perspectiva literária, o autor se preocupa em apresentar a rainha como uma figura emblemática, destacando suas habilidades diplomáticas, e a imagem de uma mulher que não se curvava perante os portugueses e não só, trazendo grandes feitos heróicos da rainha para a narrativa. Destacamos aqui um momento que ficou marcado na história, e muito conhecido mundialmente, de quando, ainda princesa, Nzinga Mbande foi embaixadora do seu irmão Ngola Mbande, enviada a Luanda, para estabelecer o acordo de paz com os portugueses. Neste encontro, ela se torna bastante conhecida pelo seu poder nas negociações, e principalmente por usar como assento uma das suas escravas.

O personagem narrador padre Francisco brinda-nos com esse momento histórico pormenorizado, diferente da História, que só traz os acontecimentos de forma linear. Ele vai justificar a postura de ambos, a Rainha Nzinga que teve tal atitude, porque “o governador recebeu-a sentado num cadeirão alto, quase um trono, tendo ao seu lado as autoridades militares. Para a Ginga reservara uma almofada” (AGUALUSA, 2015, p.18) o que demonstrava uma falta de respeito, e uma tentativa de humilhar a princesa à época, mas o narrador justifica a ação do governador que “Não o fizera por malícia ou má-fé, antes para agradar à embaixadora, pois os seus conselheiros lhe haviam assegurado que os potentes

gentios não apreciam cadeiras, preferindo sentar-se no chão” AGUALUSA, 2015 (p.18). Com isso, a Nzinga:

Deu ordens a uma das suas escravas, uma jovem mulher de graciosa figura, chamada Henda, para que se ajoelhasse na alcatifa e, para grande assombro de todos os presentes, sentou-se sobre o dorso da infeliz aquele extraordinário gesto marcou o tom do encontro, ou da maca, no dizer dos ambundos (AGUALUSA. p. 19, 2015).

A atitude da rainha Nzinga, deu-se pelo fato de não se deixar inferiorizar perante o governador sentando em uma almofada, uma vez que estava ali para negociar e pretendia falar como uma mulher de negócios, mostrando a sua garra, a sua bravura. A partir desse trecho, podemos observar a atitude como um símbolo de igualdade perante o rei de Portugal. Com isso Nzinga queria mostrar para os portugueses que não era inferior perante a eles. Na construção da angolanidade, faz-se necessário a imagem de uma heroína com características que marcam a história nacional, como tal gesto da rainha que deixou todos os presentes admirados com o seu comportamento, o que chegou a causar “maca”, ou seja, problema, pois para uma mulher local da época ter esse gênio era praticamente impossível, exigindo assim igualdade e respeito do governador de Portugal.

Chamou-nos atenção, pelo viés da História que Russo (2016), aborda esse episódio a partir dos textos manuscritos do Padre Cavazzi e Alamandini, que poderia demonstrar a “soberba e a ambição da rainha Ginga” ao sentar em uma de suas escravas, que também é uma mulher preta, e o fato dela deixar a escrava com os portugueses, com o argumento de que não utilizaria o mesmo acento duas vezes, não se importando que a infeliz poderia ser usada para trabalhos de tráfico de escravos e violência sexual.

A História demonstra como a imagem da rainha Nzinga Mbandi foi construída no imaginário nacional angolano em alguns momentos de forma deturpada, com um discurso de uma rainha que lutou muito contra a colonização, mas percebemos que em alguns momentos foi conivente com a mesma, desconstruindo assim a mítica de uma rainha sem fratura, de poderosa soberana que tudo fez pelo seu povo.

Lugarinho (2016) afirma que através do discurso historiografia nacionalista, emergem novos eventos e heróis que justificam a singularidade, ou seja, uma característica ou atitude que seja específica daquele herói, com acontecimentos históricos, e muitas vezes sobrenaturais, como nunca antes se viu, ou tal característica só faz parte de tal herói ou heroína. No caso da rainha Nzinga, dizem que “nasceu com o cordão umbilical que cercava o seu pescoço” diferenciando-a assim dos demais mortais (Pantoja, 2016, p. 86).

3. PODER E RESISTÊNCIA NO ROMANCE

A imagem de Nzinga Mbande na literatura angolana é construída a partir de uma heroína poderosa, que exerceu o seu poder feminino, como uma grande estratega e astuta nas negociações políticas. Uma heroína que estabeleceu aliança com os portugueses, holandeses e os reinos africanos, mostrando assim suas habilidades nas negociações e em tomadas de decisões contra a invasão colonial no reino do Ndongo. O poder descrito e recriado da rainha angolana, por Agualusa, está ligado ao conceito de soberania como o “sistema político em que a autoridade soberana não tem limites constitucionais” (BOBBIO *et al*, 1998 p. 2).

O romance histórico de Agualusa, destaca aspectos políticos, militares, culturais e diplomáticos de Nzinga Mbande, colocando-a numa posição de uma grande líder política ao narrar momentos de sua trajetória, que foi muito admirada, amada pelo povo Ambundo, e outros. Expressa também a admiração do padre pernambucano por ela, pelo seu poder nas negociações e resistência face ao tráfico de escravizados.

O personagem português Rodrigo de Araújo, manifesta a sua admiração pela inteligência da rainha Nzinga Mbande, tal como o romance nos conta,

é uma coisa sobrenatural, disse-me, a fluência com que ela fala. No juízo dele, a inteligência, quando manifesta numa mulher, e para mais numa mulher de cor preta, de tão inaudita, deveria ser considerada inspiração do maligno e, portanto, matéria da competência do Santo Ofício. (AGUALUSA, 2015, p. 20)

O autor vem reconstruindo, desmistificando e ressignificando a imagem da rainha Nzinga construída no imaginário europeu, que foi descrita como uma “tirana e selvagem”, com que apresentava comportamentos bizarros “e hábitos canibais” Fonseca (2015). Ao trazer o personagem Rodrigo de Araújo, que foi o anfitrião da Ginga, reconhecendo sua inteligência como algo fora do comum para uma mulher da época, e ainda mais se tratando de mulher preta, africana, que eram associadas a escravidão e ao trabalho doméstico, não se poderia ter tal inteligência, rompe, assim, com os discursos coloniais sobre a mulher preta vista como submissa e servil.

Observa-se que Agualusa, com a personagem Nzinga, demonstra o empoderamento da mulher negra, como provedora de conhecimento. Sabe-se que as mulheres, no contexto sócio-histórico angolano, sofrem cotidianamente a opressão, machismo, discriminação, silenciamento. Desse modo, o fato de o autor destacar este olhar para a mulher preta, contribui para o empoderamento de mais mulheres angolanas, e contribui para a construção de uma sociedade igualitária, onde a mulher possa ser valorizada pela sua inteligência.

Berth (2018) afirma que o empoderamento se trata de instrumento importante nas lutas emancipatórias de minorias sociais, sobretudo de cunho racial e de gênero. No entanto, ao trazer a construção discursiva do personagem Rodrigo, narrando a inteligência de Nzinga Mbande, uma mulher preta, comparando-a com inspiração do maligno, ou como algo que deveria ser temido, deste modo o autor empondera as mulheres pretas, demonstrando sua originalidade e com outras características de emponderamento que o autor traz ao longo do romance. Como o fato de que a rainha exigia ser tratada por rei, “A Ginga, agora rainha Ginga, ou melhor rei Ginga, porque assim exigia ser tratada, queria ver-me” (AGUALUSA, 2015, p.26) na intenção de construir uma igualdade de gênero.

O personagem narrador padre Francisco, conta como começou o reinado de Nzinga Mbande, após a morte de seu irmão Ngola Mbande:

Ngola Mbandi morrera. Como sempre havia várias versões. Para os antigos gregos, a verdade, *atheneia*, é aquilo que está exposto. Segundo eles existe apenas uma verdade. A natureza exuberante dos abundos explica, talvez, que os mesmos não se contentem com uma única verdade. Assim, segundo alguns, Ngola Mbandi morrera das mesmas febres comuns, tão frequentes no país, que me haviam prostrado a mim. Segundo outros morrera de desgosto por se sentir desrespeitado e humilhado pelos portugueses. Asseguravam terceiros, entre os quais Domingos Vaz, que o rei fora envenenado pela irmã, Ginga a qual vingara assim a morte do infeliz Quizua Quiazele. Ginga conseguira convencer os macotas a aceitarem-na como rainha, ainda que com a forte oposição de muitos deles, os quais preferiam ver no lugar dela um filho, ainda muito pequeno, de Ngola Mbandi. (AGUALUSA, 2015 p.26)

Agualusa, apresenta vários contrapontos ao fato de que Nzinga teria matado o seu irmão Ngola Mbande e o filho, para se vingar da morte, do seu único filho Quizua Quiazele. Observamos que traz várias teorias para explicar ao fato de que Nzinga mandará matar o irmão, ao passo que a historiografia afirma que a rainha “manda envenená-lo abrindo assim caminho ao poder e ao comando da resistência à ocupação das terras de Ngola e Matamba” (SERRANO, 1996, p. 138). Afim de poder chegar ao trono, tal atitude demonstra a vingança, ganância e ambição da rainha Nzinga Mbande.

No romance estudado há ainda destaque para o poder nas negociações da rainha. O personagem-narrador conta que: “A Ginga queria receber as águas do batismo. Não estranhei. (...) pois a decisão da Ginga não era de natureza espiritual e sim política. Ao converter-se reforçava a aliança com os portugueses” (AGUALUSA, 2015, p. 20). Outra representação do poder se mostra quando ela será enviada pelo seu irmão Ngola Mbande, como sua embaixadora, para estabelecer os acordos de paz, ainda princesa, mas já dominava a arte da guerra e das negociações.

Sabendo da relevância do cristianismo para os portugueses, a rainha foi tão astuta que se batizou nas águas, e teve como padrinho o governador João Correia de Sousa, com isso Nzinga passou a se chamar Ana de Sousa, carregando o sobrenome do padrinho, e ela foi obrigada a renunciar os seus rituais, e seus ídolos, badulaques. Nota-se pela narrativa que a rainha não se importava com isso, tanto que quando os portugueses descumpriram os acordos feitos, Nzinga renunciou o batismo, pois os seus principais objetivos era manter uma aliança com os portugueses e descobrir a sua magia. Isso porque durante a batalha os portugueses levaram “cães de guerras, animais que os ambundos nunca haviam visto” (AGUALUSA, 2015, p. 12), enquanto que os Ambundos acabaram por perder a batalha, associando a sua derrota à magia dos portugueses.

Sobre a imagem de seu poder nas negociações, destacamos o seguinte trecho do romance que:

Quando o governador lhe apresentou as condições para um tratado de paz, entre elas que o rei Ngola Mbandi deveria reconhecer-se vassalo do soberano português, pagando o devido tributo anual, logo a Ginga o contestou, lembrando que semelhante encargo só poderia impor-se a quem tivesse sido conquistado pelas armas, o que não era o caso. O rei do Dongo vinha, através dela, e de coração puro, oferecer a sua amizade ao rei dos portugueses e dos espanhóis. Contudo, se o governador preferia a guerra, soubesse que o rei, seu irmão, estava preparado para ela e, pois que combatia pela sua liberdade, e a dos seus filhos, tendo atrás dele, sustentando-o, o sopro poderoso de todos os ancestrais, mais ferozmente combateria. (AGUALUSA, 2015, p.19)

Na citação mencionada, o personagem narrador, padre Francisco da Cruz, expõe um dos momentos da negociação entre a Nzinga, e o governador João Correia de Sousa. Após fazer de acento uma das suas escravas, ambos falavam agora de forma igualitária sobre negócios. Nota-se o poder e resistência da Nzinga, ao contestar a vassalagem proposta pelo governador. Mesmo o irmão, Ngola Mbande, sendo derrotado na batalha com as tropas de Portugal, não aceitou tal acordo para estabelecer o tratado de paz, pois, uma vez que estava consciente de que dessa forma como estavam sendo propostas as negociações, seriam rapidamente dominados e conseqüentemente escravizados pelos portugueses. E estariam em situação de dependência, vivendo oprimidos e devendo favores.

A narrativa reforça que Ginga vinha de coração puro, sem intuito de causar problemas, demonstrando sua astúcia e oferecendo as melhores intenções, dela e do seu irmão, que representava com o intuito de cessar a guerra, mas que se o rei de Portugal, insistisse eles estavam preparados. Não se deixariam ser colonizados, estavam preparados para a luta, mesmo com poucos recursos, pela a sua liberdade e a do seu povo com o poder de seus ancestrais.

Como é narrado no romance, os ambundos nesta época tinham uma forte crença em seus ancestrais e nos sobas, a quem pediam direção para tomar as suas decisões e lhes guiar.

A narrativa romanesca expõe o desfecho do acordo de paz entre Nzinga Mbande e o governador João Correia de Sousa, como é narrado pelo padre Francisco da Cruz, no trecho a seguir:

Concordou o governador João Correia de Sousa em abandonar o Presídio de Ambaca, transferindo-o para a região do Luynha, bem como em forçar os comerciantes portugueses restituírem a maior parte das peças roubadas nos últimos anos ao rei do Dongo e seus fidalgos. Acordado ficou também que Portugal e o Reino do Dongo se apoiariam mutuamente, caso fossem atacados por nações inimigas. (AGUALUSA, 2015, p. 19).

Com isso, Nzinga saiu vencedora dos acordos de paz, e como uma grande negociante, ao conseguir formar uma aliança com Portugal e fazer com que o governador Sousa, devolvesse os seus fidalgos. Por outro lado, para os portugueses seria mais uma estratégia, uma vez que poderiam exigir dos líderes do Ndongo mais escravizados, entre outros recursos, sempre que precisassem.

A personagem Ginga no romance, rompe com os discursos europeus, coloca a rainha como uma mulher insubmissa, com as suas estratégias políticas e militares, e os portugueses como passíveis aos acordos propostos pela rainha. Percebemos na narrativa um contraponto historiográfico e literário que Agualusa tenta criar, com a finalidade de reescrever a história africana/angolana.

Serrano (2008, p.61) realça a necessidade da revisão crítica e produção da historiografia sobre africanidade/angolanidade:

Realizando-se uma análise sucinta dos trabalhos e bibliografias de ciências Humanas que se referem à África lusófona, a primeira constatação é a de que a maior parte dos estudos referentes a esses espaços africanos recebe um notável incremento a partir da década de 1960, dada a generalização da Luta de Libertação Nacional em todos os territórios do sistema colonial português. Aqueles estudos, que apareciam na maior parte das vezes produzidos na metrópole colonizadora, como um apêndice circunstancial de sua história ou como instrumento de controle do sistema, surgem agora subvertendo a ordem estabelecida e procurando uma objetividade. E isso só parece possível pela exterioridade dos cientistas sociais ao próprio sistema, bem como pelo discurso das lideranças políticas dos movimentos de libertação.

Com o processo da generalização da Luta de Libertação dos países africanos colonizados por Portugal, nesse período surgiram vários grupos literários, cujo objetivo era o resgate da identidade cultural e nacional, com o sentimento de nação, como por exemplo, surgem em Angola, a *angolanidade*, e em Moçambique encontramos a *moçambicanidade*, entre outros. Neste período viu-se o acréscimo de estudos concernente a História e

historiografia desses países, pois antes disso a História era contada numa visão do colonizador, e não contemplava a realidade africana. Muitas dessas pesquisas eram construídas de forma estereotipada, colocando os africanos numa posição de canibais, selvagem, povo sem crença. Assim, estudos no ocidente serão mais tarde reconstruídos por meio da História e da historiografia dos países africanos e por escritores, estudiosos africanos.

A personagem, a rainha Nzinga de Agualusa, nasceu nesse movimento de ideias, produção de imagens, contribuindo para reconstruir uma historiografia da nação, uma cultura nacional. No mais, a obra traz ainda aos aspectos culturais de representatividade da Nzinga narrado pelo padre pernambucano:

Quando, na data aprazada, lhe foram entregar os trajes, a Ginga teve um ataque de fúria. Já antes eu a vira entregar-se a demonstrações de ira, mas nunca com tal ímpeto. Rasgou com as mãos e com os dentes os finos tecidos, enquanto gritava que dissessem ao governador não ter ela falta do que vestir. Dizei-lhe, insistia, que irei trajada segundo as minhas próprias leis, inteligência e entendimento. (AGUALUSA, 2015, p.18)

Na citação mencionada, o personagem narra a cena em que o governador de Portugal mandará fazer alguns trajes para Nzinga, no melhor alfaiate de Luanda, a fim costurar as melhores roupas para a rainha, com os tecidos mais finos e caros, no intuito de agradar a soberana. Mas tal atitude deixou-a muito irritada e demonstrando que lhe presenteou porque queria que a rainha vestisse segundo as leis e modo como eles se apresentam. Nzinga, então se revolta e demonstra a sua valorização, pela sua cultura e os seus modos de vestir, uma vez que os trajes africanos desempenham um papel muito importante nas sociedades africanas, e por meio de cada estampa podemos distinguir se tal pessoa pertença a qual país ou região. O autor mostra a representatividade da personagem Nzinga, pelos trajes africanos e a importância deles para os povos africanos.

Ao longo do romance em análise, a imagem da rainha Nzinga, é recriada como uma personagem com o poder feminino sobrenatural, que foi capaz de realizar grandes alianças políticas para a impedir a presença portuguesa no reino do Ndongo. Neste sentido, a Nzinga Mbande foi capaz de casar com o poderoso rei dos jagas para ter o seu apoio político:

O casamento entre a rainha ginga e o poderoso soba dos jagas, Caza Cangola, não surpreendeu ninguém. Ao casar-se, a Ginga selava uma aliança que lhe permitia fazer frente aos portugueses e seus aliados, ganhando o estatuto de tembanza, ou governadora, daquele jagado. (AGUALUSA, 2015, p.39)

Os Jagas ou Imbangalas são representados na historiografia e na literatura como um povo que não tinha alma, canibais, selvagens e praticantes de idolatria, e de rituais de bruxaria (FONSECA, 2010). Ao se casar como poderoso rei Caza Cangola, que também era muito

temido, ela emprega a sua sabedoria para então ter o seu apoio e se tornar governadora do jagado e conseguir mais guerreiros para guerrear contra os portugueses, e assim sairia vitoriosa nas batalhas. (SILVA, 2020).

Oliveira e Mendes (2017, p. 98) acrescentam que: “No imaginário dos contemporâneos da nobreza, a figura de Ginga remete a uma mulher altiva, que desperta o respeito e o temor até mesmo dos inimigos”. As autoras reforçam a ideia da construção discursiva de Nzinga, no imaginário angolano com uma heroína sagaz e temida por todos.

Desse modo, a literatura sobre Nzinga Mbandi em alguns momentos na perspectiva da angolanidade foi manipulada na construção de heroína da nação, ou Mãe da nação angolana, como vemos no romance de Agualusa, assim como em outros textos literários angolanos. Podemos citar aqui o poema de Eugénia Neto, “Poema à Mãe Angolana” publicada no ano de 1976, um ano após a independência de Angola, enaltecendo a figura de Nzinga, como a mãe da pátria angolana e fundadora da nação, na resistência colonial contra a invasão portuguesa, no sentido de criar um discurso da nação e uma cultura nacional.

4. A ESTÁTUA “RAINHA NZINGA MBANDE”: IMAGEM DE PODER E SEUS TRÂNSITOS

Cientes de que “A comparação é, no mínimo, um assunto triangular. Há duas entidades (processos, eventos, textos, símbolos, cidades, histórias, etc.) a serem comparadas, mais o sujeito que faz a comparação” (MIGNOLO, 2017, p. 19), o sujeito cientista raramente é dissociado da comparação, pois os acadêmicos/as literários posicionam-se ao estabelecerem as relações nos textos, neste sentido “comparam para saber ou perceber” (MIGNOLO, 2017, p.20).

Com esta análise comparativa pretendemos aprofundar o entendimento da ficção no romance e o sentimento da angolanidade criado na escultura “Rainha Nzinga Mbande” em Angola, perceber como se deu à construção discursiva nestas duas obras, sobre esta personagem histórica.

Percebemos que essa imagem de poder e resistência de Nzinga Mbande, construída no imaginário angolano é reforçada pela composição da estátua “Rainha Nzinga Mbande”, localizada em Angola/Luanda, reconhecendo, assim, Nzinga, como heroína nacional de Angola. A estátua foi construída pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que após a independência abraça-a como símbolo de resistência contra a invasão colonial. É

uma escultura humana de aço escovado com dez metros de altura, postada sobre um bloco de granito, com a fisionomia de uma mulher determinada e guerreira, com um machado ou catana nas mãos, coberta por um traje comprido e com missangas (pulseiras) no pé e mão.

A estátua foi construída inicialmente em Luanda no largo do Quinaxixe, com o nome de “Mwêne Nzinga Mbande”, no ano de 2002. Não sabemos ao certo o nome do artista plástico que produziu a escultura, mas a mesma foi fruto do governo do ex-presidente de Angola e do partido MPLA, José Eduardo Dos Santos, em celebração aos 27 anos de independência, demonstrando a relevância de Nzinga Mbande, para o processo de libertação do país e na resistência ao colonialismo português.

Figura 1 Largo do Kinaxixe: Estátua Mwêne Nzinga Mbande



Fonte: Arquivo próprio.

O bairro Quinaxixe ganha destaque nas *coletâneas de contos Quinaxixe e outras prosas* (1981) de Arnaldo dos Santos, escritor angolano que nasceu e passou sua adolescência neste bairro de Luanda, na década de 1960, a partir dos seus contos, vemos que o bairro Quinaxixe, assim como o Maculusso, era uma periferia nesta época, em que Angola, era colônia de Portugal, e até os anos iniciais da independência em 1975, quando havia uma mistura entre a população, dos pretos e mulatos misturados com colonos brancos e pobres. Anos depois a colonização portuguesa, os bairros Quinaxixe e Maculusso passaram a fazer parte da cidade, ou seja, bairros nobres de Luanda.

Com a independência de Angola, muitas estátuas do período colonial foram removidas e outras permaneceram, “As estátuas removidas foram colocadas no Museu de História Militar, situado na fortaleza de São Miguel” (PÚBLICO PT, 2020). E os nomes de alguns bairros e cidade do período colonial foram mudados, como por exemplo nova Lisboa, que atualmente é a província do Huambo, e os status de alguns bairros que eram considerados periferia, tornaram-se em cidades, como foi o caso do Quinaxixe.

Através de fontes orais, soubemos que o largo do Quinaxixe, anteriormente abrigava um dos maiores mercados do país, onde alguns anos após a independência foi colocado as novas construções em forma de torres, que se encontram inacabadas até atualidade. Neste sentido, o largo do Quinaxixe que, anteriormente era chamado de “Largo Maria da Fonte”, foi enxergado como um largo histórico pelo Estado angolano, pois antes de erguerem a escultura de Nzinga Mbande, teve a estátua de Maria da Fonte, que mais tarde também foi destruída e substituída pela estátua do tanque soviético (HISTÓRIA, 2014).

Figura 2 Largo do Quinaxixe: Maria da Fonte



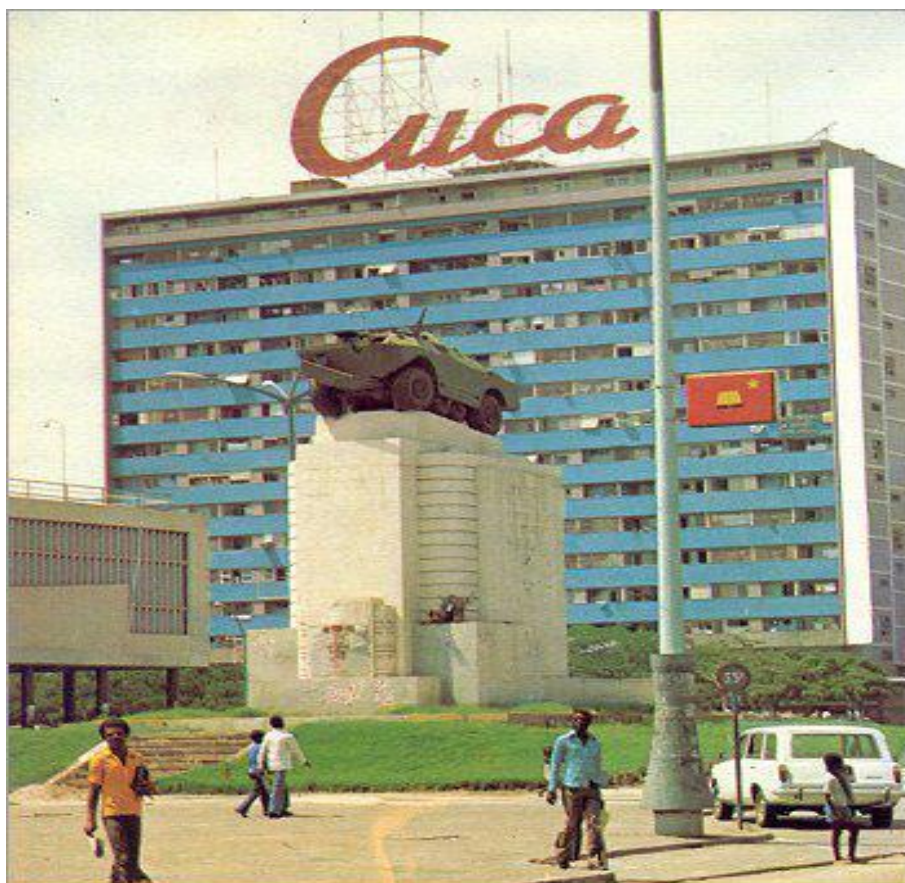
Fonte: Momentos de história.

O monumento Maria da fonte “inaugurado em 1937” foi erguido em alusão aos mortos da primeira guerra mundial, pelos portugueses que na época em que colonizavam Angola. O artista plástico que produziu a obra foi o Henrique Moreira. A escultura é composta por um “pedestal de granito, que simbolizava o altar votivo da Pátria, apresentava um conjunto de soldados europeus e indígenas que rodeavam a Vitória” (HISTÓRIA, 2014).

Esta escultura simboliza os ideais da colonização portuguesa. Nela, podemos observar alguns elementos que expressam tais ideias, como, por exemplo, os soldados portugueses como se estivessem numa batalha o capitão à frente, todos os combatentes armados, e o estilo próprio de uma arte clássica.

Em 1974, no período revolucionário em Angola, no clima de independência, a estátua Maria Da Fonte, foi substituída pelo tanque de guerra soviético:

Figura 3 Largo do Quinaxixe: Tanque soviético



Fonte: Momentos de história.

Neste período temos o MPLA no governo, e vai estar aliado a antiga União Soviética, e as suas ideologias, com destaque para o ideal da “construção do homem novo”. Ao colocar um símbolo de estrangeiro (tanque de guerra) nesse lugar de destaque, com elementos que simbolizavam a guerra, em um momento que o país lutava pela libertação nacional, demonstra convergência do MPLA com as ideologias, políticas, e explicitamente, o apoio da União Soviética nesse processo de independência, em Angola.

Mais tarde, em 1975, com a proclamação da independência, é retirado o tanque de guerra soviético. Em seu lugar, foi construída e colocada a estátua em memória da rainha Nzinga Mbande. Sendo assim, observa-se, no largo do Quinaxixe, uma grande disputa de narrativas e memórias, que foram importantes para documentar cada período histórico em Angola da colonização à contemporaneidade.

Chamou-nos atenção que a escultura “Mwêne Nzinga Mbande” erguida, em 1975 foi removida do largo do Quinaxixe. Segundo o *Jornal Público* (2020), em “A maka das estátuas em visão de Angola”:

Há um caso de remoção provisória por motivo de obras em curso. A estátua da rainha Nzinga, erguida sobre o pedestal da antiga estátua portuguesa impropriamente designada por Maria da Fonte, no Largo do Kinaxixi, está no Museu de História Militar aguardando o fim daquelas obras. Mas pode ser contestada no âmbito da atual campanha contra protagonistas da escravatura.

Como vemos na citação acima, a estátua foi removida do Largo do Quinaxixe, segundo relatos dos moradores do Quinaxixe o governo não informou à população sobre a remoção da mesma, e nem onde o monumento seria recolocado. Outro ponto a ser analisado aqui, é que algumas das estátuas do período colonial, ainda se encontram nas ruas de Luanda e não só, como por exemplo “permanece a estátua de Monsenhor Alves da Cunha” (PÚBLICO PT, 2020), com vista para baía de Luanda, que é um dos pontos importantes do país.

Atualmente, há uma enorme construção onde se localizava a antiga estátua da rainha Nzinga Mbande, e a mesma foi colocada no Museu de História Militar, onde foram colocadas também outras estátuas da época colonial.

Segundo o *Jornal de Angola*, 2017, há uma proposta para que uma nova estátua seja construída em Angola:

Em resposta aos apelos feitos pela representante da Família Real do Reino do Ndongo, Catarina Cambulo, durante uma palestra sobre “O legado de Njinga Mbande” e “A trajetória guerreira da Rainha”, no Museu Nacional de História Natural, Carolina Cerqueira garantiu que a proposta vai ser apresentada ao ministro da Administração do Território, Adão de Almeida. O monumento deve ser erguido um dos pontos emblemáticos, onde a Rainha tinha o seu quartel-general, disse a ministra da Cultura, e vai simbolizar os feitos da soberana do Reino do Ndongo e Matamba. “Queremos que esse local sirva para honrar todos os soberanos da época e pessoas que marcaram a resistência dos angolanos contra o regime colonizador.”

O largo do Quinaxixe, encontra-se no centro da capital do país, sendo assim a estátua neste largo tinha uma boa visibilidade, fazendo assim que muitos cidadãos tivessem acesso à obra. Assim, tirando-a daquele local, inviabiliza o fácil acesso da população a mesma.

Como já frisamos em 2018 a estátua foi (re)colocada no Museu de História Militar que está instalado na antiga Fortaleza de São Miguel de Luanda, que tem servido atualmente como “monumento cultural de Angola” (Museus de ANGOLA) com a finalidade de exaltar os seus heróis e heroínas, e ainda preservar o patrimônio cultural.

Para a população ter acesso à estátua da rainha Nzinga Mbandi, ao entrar no museu paga-se um valor de 265 kz, o que impossibilita o acesso de parte da população angolana mais

desfavorecida ao monumento, e faz com que muitos jovens não conheçam a História da heroína nacional, o que nos leva a questionar: se tal narrativa foi oportuna para o momento que se criava Angola, como um estado-nação, porque o nome da escultura sofreu alteração? Anteriormente ela era intitulada “Mwêne Nzinga Mbande”, com a valorização da língua do povo ambundo, grupo linguístico do qual a rainha fazia parte. Atualmente o nome da escultura é “Nzinga Mbande”. Será que foi apenas necessário construir um discurso sobre elementos históricos e simbólicos da cultura nacional no início da independência de Angola?

Figura 4 Museu de História Militar: Rainha Njinga Mbande



Fonte: Arquivo próprio.

Nesta estátua de Nzinga Mbande, observamos a imagem de uma heroína nacional e uma lutadora militante, ao colocarem-na com uma catana nas mãos, que também se encontra na bandeira do país, simbolizando a luta por Angola, e resistência contra dominação portuguesa, e uma mulher demonstrando o seu poder feminino na sociedade da época que era majoritariamente dominada por homens. Percebemos, por essa ação protagonizada pelo

governo de Angola, uma necessidade de transmitir um legado para mulheres angolanas, com a imagem de Nzinga Mbande como heroína nacional.

Portanto, na estátua, vemos a construção discursiva da angolanidade, que foi importante construir para fortalecer Angola, enquanto estado nação. Era necessário existir a figura de um herói e de uma heroína, pois “A narrativa da nação oscila entre as origens, na formulação de mitos fundacionais, construindo a tradição e garantindo-lhe a continuidade” (PANTOJA, p. 85, 2016), afim de olharmos para o passado e nos orgulharmos de Angola, anteriormente e das lutas das/os nossa/os heroínas e heróis, e essas, por sua vez, irá servir de alavanca para o futuro promissor do país.

Na escultura da rainha “Nzinga Mbande” há uma tentativa da construção discursiva da rainha como uma heroína que comandou a II coligação Militar em 1635-1656 (Kongo, Ndongo, Matamba, Ndemgo, Yakas, Kissama e alguns reinos do planalto central), contra o exército Português, e aliou-se aos Holandeses², conforme ilustra a figura 5.

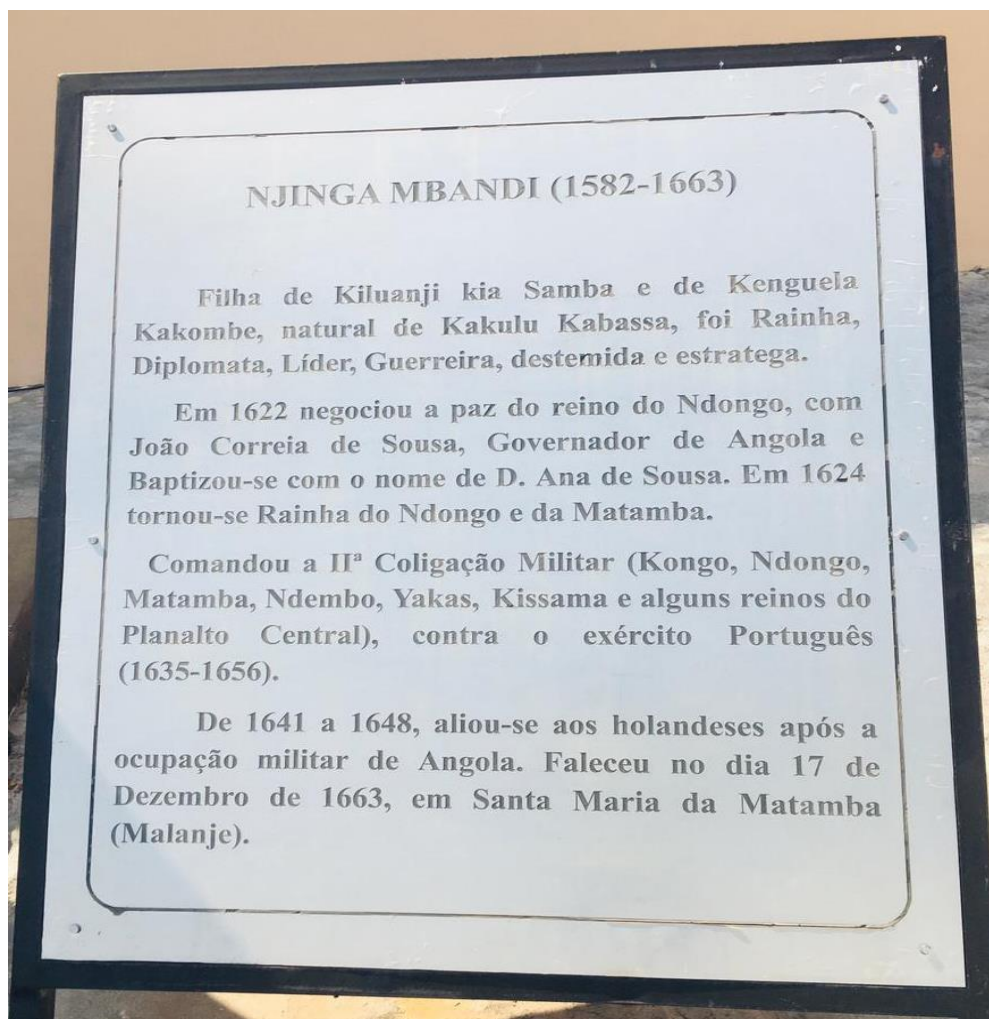
² Em 1609, chegaram ao Porto de Mpinda alguns navios holandeses. Eles queriam tomar conta de Mpinda e instalaram aí uma colônia holandesa. Em 1624, outros navios holandeses atacaram a cidade de Benguela. Os portugueses venceram os holandeses. Três anos depois, chegaram à costa da colônia mais oito navios de holandeses carregados de escravizados.

Finalmente, chegaram à Baía de Luanda, em 1640, 20 navios holandeses. Os holandeses atacaram a fortaleza e apoderaram-se dela e da cidade. Os portugueses fugiram para Massangano, como já sabemos. Pouco depois, alguns navios dessa esquadra conquistaram também Benguela.

Assim, os holandeses, à procura de escravos, tinham tomado aos portugueses os portos de Goré no Senegal, Mina, S. Tomé, Luanda e Benguela.

Já sabemos como a Rainha soube aproveitar a estadia dos holandeses para interromper o comércio de escravos dos portugueses com o Brasil. (ANGOLANOS, C. E. História de Angola. 1 Ed. Porto: Edições Afrontamento, 1975).

Figura 5 Histórico de vida e trajetória da Rainha Njinga Mbandi



Fonte: Arquivo próprio.

Esta narrativa que conta determinados fatos sobre a trajetória de Nzinga Mbande, encontra-se perto da estátua, reforçando a construção discursiva da imagem de Nzinga Mbande, como uma heroína nacional que lutou por Angola, e contribuiu para a formação cultural do país e na libertação. Reforça-se os feitos da heroína que comandou a II coligação Militar em 1635-1656 (Kongo, Ndongo, Matamba, Ndemgo, Yakas, Kissama e alguns reinos do planalto central), contra o exército Português, aliando-se aos Holandeses³.

³ Em 1609, chegaram ao Porto de Mpinda alguns navios holandeses. Eles queriam tomar conta de Mpinda e instalaram aí uma colônia holandesa. Em 1624, outros navios holandeses atacaram a cidade de Benguela. Os portugueses venceram os holandeses. Três anos depois, chegaram à costa da colônia mais oito navios de holandeses carregados de escravizados.

Finalmente, chegaram à Baía de Luanda, em 1640, 20 navios holandeses. Os holandeses atacaram a fortaleza e apoderaram-se dela e da cidade. Os portugueses fugiram para Massangano, como já sabemos. Pouco depois, alguns navios dessa esquadra conquistaram também Benguela.

Assim, os holandeses, à procura de escravos, tinham tomado aos portugueses os portos de Goré no Senegal, Mina, S. Tomé, Luanda e Benguela.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da pesquisa nos leva a compreender que a imagem da rainha Nzinga Mbande, no romance estudado de José Eduardo Agualusa “e na estátua “Rainha Njinga Mbande” foi construída por um discurso que afirma o caráter de uma líder poderosa, resistente, ou seja, uma heroína nacional angolana, que lutou contra invasão colonial portuguesa e vive presente no imaginário da população angolana.

Na análise do romance histórico, observamos que há um personagem-narrador, padre Francisco José Santa Cruz, que irá contar ao leitor a trajetória da rainha, mostrando sua força, poder feminino nas negociações e demonstra a admiração pela mesma, por sua forte personalidade, que para mulheres da época é algo excepcional. Desse modo, constrói-se uma narrativa sobre uma mulher com características de uma heroína. O padre Francisco, narrará como começou o reinado de Nzinga, após a morte do seu irmão Ngola Mbande, e a sua trajetória política e militar, face ao colonialismo português no reino do Ndongo.

Ao analisarmos a estátua “Nzinga Mbande”, percebemos que o MPLA a abraça como heroína nacional angolana. Constrói-se, então, uma imagem de uma rainha que é um símbolo de resistência e precursora da luta de resistência contra a invasão e ocupação portuguesa em Angola, que teve um papel preponderante na luta dos povos africanos. Destaca-se a sua trajetória militar e o seu legado. Foi construída essa narrativa heroica sobre a figura de Nzinga, mas ao mesmo tempo vemos uma fissura sobre esse discurso, na contemporaneidade angolana, porque a escultura será colocada dentro da Fortaleza de São Miguel.

Neste sentido, esta proposta de comparação do romance “*A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo*” e da escultura “Nzinga Mbande” nos leva à reflexão sobre a imagem criada no imaginário angolano em relação à essa personagem histórica, na literatura e historiografia em Angola. Sendo assim está pesquisa irá contribuir também para olharmos para os mitos fundadores da sociedade angolana de uma maneira crítica.

No mais, a pesquisa não se predispôs a mostrar quaisquer verdades ou mitos no que diz respeito a construção do imaginário nacional dessa mulher, pois a literatura não se preocupa com verdades, mas em analisar alguns enunciados que ainda não foram examinados em torno

Já sabemos como a Rainha soube aproveitar a estadia dos holandeses para interromper o comércio de escravos dos portugueses com o Brasil. (ANGOLANOS, C. E. **História de Angola**. 1 Ed. Porto: Edições Afrontamento, 1975).

da imagem criada de Nzinga no livro do José Eduardo Agualusa e na escultura “Nzinga Mbande”.

Entretanto, a história da brava rainha Nzinga Mbandi não está presente só no imaginário dos angolanos, pois que “A rainha Nzinga faz parte da memória cultural de todo o mundo afro-descendente das Américas e do Caribe” (MATA, 2012, p. 26). Ela é celebrada nas culturas orais, nas religiões afro-brasileiras e até mesmo, recentemente, foi fonte para a criação de um documentário produzido pela Netflix, que trata sobre a luta e resistência dessa mulher.

Ao realizar essa pesquisa percebemos que trajetória e percurso histórico de Nzinga Mbande, tem sido recontado e recriado por outros/as autores e autoras. Encontramos uma série de publicações que coloca em destaque a figura da rainha. Como por exemplo, a série UNESCO (2014) *Njinga a mbande rainha do ndongo e da matamba*, mulheres na história de África, com objetivo de apresentar o contributo das mulheres africanas, na história do mundo. Tal obra mostra o contributo político de Nzinga, para Angola, África e o mundo em formato de quadrinhos, acompanhado de um dossiê pedagógico, da rainha como uma inspiração para as mulheres angolanas e não só.

Como possibilidade de leitura temos ainda o celebrado livro pela Presença Africana, importante editora pan-africanista, *Femmes de l'ombre & grande royales dans la mémoire du continent africain* (2004), GOMIS e SOREL. O texto trata sobre a trajetória de “Ane Zingha”, como guerrilheira e mulher, destaca os percalços de sua trajetória familiar e a relação entre poder, maternidade, família. Sua história será relatada a partir da sua infância até a velhice. Pela sua inteligência, liderança e, digamos assim, ousadia, “Ane Zingha” é apresentada nessa obra como uma liderança que conquista o respeito dos estrangeiros, como dos holandeses e, sobretudo, os próprios invasores: os portugueses.

Com certeza, esse estudo não termina com esta pesquisa, pretendemos dar sequência futuramente em outro nível de estudo, penso que esta pesquisa irá colaborar para o campo das literaturas de língua portuguesa, literaturas angolanas, nos estudos comparados e ainda para o campo interartes, de literatura e outras artes.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUALUSA, J. E. **A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo**. Rio de Janeiro: Foz, 2015.

ALMEIDA, C. A maravilhosa conversão da rainha njinga e o discurso etnográfico na literatura missionária dos capuchinhos. IN: PANTOJA, S. et al (Orgs). **Angola E As Angolanas: Memória, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Intermeios. 2016.

ANGOLA, **Momentos de história**. 2014. Disponível em: < http://www.momentosdehistoria.com/MH_06_04_01_03_Patriotismo.htm> Acesso em: 22/06/2023.

ANGOLANOS, C. E. **História de Angola**. 1 Ed. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.

BERTH, J. B. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte- MG: Letramento: Justificando. 2018.

CANIATO, B. J. O percurso da angolanidade: do século XIX A Arnaldo Santos. IN: CHAVES, R. et al (Orgs). **A Kinda e a Missanga**. Encontros brasileiros com a literatura angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica. Luanda, Angola: Nzila. 2007.

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. **Scripta**, v. 3, n. 6, p. 245-257, 2000.

COELHO, A. Njinga Mbande ganha monumento de referência. **Jornal de Angola**, 2017. Disponível em:< <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=395358> > Acesso em: 06/06/2023

COSTA, L. A. **Traços do chão, tramas do mundo**. Representações do político na escrita de Mia Couto e Patrick Chamoiseau. 2014. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Pós-graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH Universidade de São Paulo – USP.

FONSECA, M. B. **Nzinga mbandi e as guerras de resistência em Angola- Século XVII**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2015.

FONSECA, M. B. Rainha nzinga mbandi, imbangalas e portugueses: As guerras nos kilombos de Angola no século XVII. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 23, n. 2, 2010.

GOMIS, S. P; SOREL, J. **Femmes de l'ombre & grande royales dans la mémoire du continent africain**. Paris: Présence Africaine. 2004.

GONÇALVES, J. P. **Releituras dos primórdios da colonização de Angola nos idos do século XVII em a rainha ginga, de Agualusa e a sul. o sombreiro, de Pepetela**. 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura, Memória e Estudos Culturais) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba: Campina Grande – Pb.

GONÇALVES, J. A maka das estátuas em visão de Angola. **Publico Pt**, 2020. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/07/04/mundo/noticia/maka-estatuas-visao-angola-1922981> > Acesso em: 15/06/2023.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1991.

LUANDA COM CINCO MUSEUS ABERTOS AO PÚBLICO. **Museus de Luanda**. Disponível em: <http://museusluanda.weebly.com/> Acesso em: 07/06/2023.

LUGARINHO, M. C. A apoteose da rainha ginga: gênero e nação em Angola. **Revista Cerrados**, v. 25, n. 41, 2016.

MASIONI, Pat et al. **Nzinga a mbande: rainha do ndongo e do matamba**. UNESCO Publishing, 2014.

MATA, I (Org.). **A rainha nzinga mbandi: história, memória e mito**. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

MIGNOLO, W. D. Sobre a comparação: quem compara o quê e porquê? IN: MACEDO, A. G. (Org). **Estudos comparatistas e cosmopolitismo: pós-colonialidade, tradução, arte e gênero**. Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM), 2017.

NZINGA. **CGN Sampi Franca**, 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/07/04/mundo/noticia/maka-estatuas-visao-angola-1922981> > Acesso em: 22/06/2023.

OLIVEIRA, Maria do Desterro da Silva; MENDES, Algemira de Macêdo. A representação do poder feminino no romance Rainha Ginga, de Agualusa. **Caderno Seminal Digital**, 2017.

PANTOJA, S. Angolanidade e a sua inscrição histórica: narrativas sobre a rainha Nzinga. IN: PANTOJA, S. et al (Orgs). **Angola e as angolanas: memória, sociedade e Cultura**. São Paulo: Intermeios. 2016

RUSSO, M. A Rainha nzinga mbande através dos manuscritos de Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo. IN: PANTOJA, S. et al (Orgs). **Angola e as angolanas: memória, sociedade e cultura**. São Paulo: Intermeios. 2016

SERRANO, C. M. H. **Angola nascimento de uma nação: um estudo sobre a construção de identidade nacional**. Luanda: Kilombelombe, 2008.

SERRANO, Carlos MH. Ginga, a rainha quilombola de Matamba e Angola. **Revista Usp**, n. 28, p. 136-141, 1996.

SIDRIM, R. J. **Passado presente no romance de Agualusa: história e literatura nos limites da ficção**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Paraíba: João Pessoa.

SILVA, G. M. G. **A identidade negra e feminina no romance "A Rainha Ginga, de José Eduardo Agualusa"**. 2020. Monografia (Especialização em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná: Curitiba- PR.

TROUCHE, A. L. G. **América: história e ficção**. Niterói, RJ: EdUFF. 2006.